



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virginio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

Serviço de Depósito Legal LISBOA - 2

PÁSCOA JURAMENTO DE BANDEIRA NO C.I.S.M.I.

Coro dilucular da Páscua desvanecem-se na luz doirada e clara desta manhã de Páscua, amarrada nos estemas do pereiro bravo florindo entre os sarmentos débeis.

Os crentes festejam a Ressurreição de Cristo, alegria máxima, a mais rica de significado nos anais da liturgia cristã.

Felizes os que crêem. Para esses, a morte não intercepta o fio da vida, como Atropos, a parca estouvada. A morte desce os portais da mansão da paz onde a Primavera é eterna.

Derivando da passagem da morte para a vida, da escravidão para a liberdade, ela traz a satisfação da promessa de há séculos.

Já sobre o mantel da mesa de castanho, mal afeiçoada, à enxó, não descansa o corpo trigueiro do pão, a pucarinha do mel e o pichel de estanho areado contendo o vinho a espumar alegre. Já o pai não reparte pelos filhos a bucha com a presa de carne acerejada, e todos comem e se fartam como no dia da multiplicação dos pães.

As exigências dos estômagos requerem novas iguarias e novas sutilezas condimentares. Já as crianças não procuram confeitos, caídos do bojo dos sinos, entre os amores perfeitos e primulas dos vasos, mas vão directamente à mercearia escolhê-los, em pacotes de plástico.

Já ninguém enxuga as lágrimas do sermão, nem encaracola de roxo a espinha e bate no peito, ao passar o pálio entre baforadas de fumo de incenso.

(Continua na 2.ª página)

NO passado dia 18 do corrente, realizou-se no Quartel da Atalaia, a cerimónia do Juramento de Bandeira dos alunos do Curso de Sargentos Milicianos de Infantaria.

Às 8,30 horas, foi celebrada Missa na igreja de São Francisco com comunhão Pascal, pelo Reverendo Luz, capelão da Unidade.

Às 10 horas, na parada do Quartel, apresentação da Bandeira Nacional, seguindo-se a leitura dos deveres militares e os discursos pronunciados pelos Directores do Centro sr. tenente-coronel Galvão de Figueiredo e sr. tenente Robles, um dos heróis da guerra do Ultramar.

Depois foi feita a leitura da fórmula do Juramento e em seguida o desfile pelas ruas da cidade.

Na tribuna de honra, a cujas cerimónias presidiu o segundo Comandante da III Região Mi-



A Tribuna de Honra

litar, estiveram presentes as entidades civis e militares convidadas.

Muito povo assistiu à festa militar tendo nesse dia a cidade apresentado um movimento desusado.



As forças em parada no acto do Juramento de Bandeira

A Banda de Tavira

Em Espanha

A Banda de Tavira, que é sem dúvida no presente momento a melhor da nossa provincia, deslocou-se na passada semana a Ayamonte, onde foi abrilhantar as festividades religiosas da Semana Santa sob a regência do maestro Sebastião Leiria, tendo agradado plenamente.

Aleluia

*Cristo voltou para Deus
Na magia duma aurora!
Abrem-se as portas dos céus
E pasmam os fariseus
Do milagre dessa hora.*

*Pra ver o crucificado
Muitas almas acorreram!
Plo remorso do pecado
Há um judas enforcado
Mas outros judas nasceram.*

*De Cesar, Governador,
Lavando as mãos desse chasco,
Pilatos mau julgador,
Juiz iníquo, o pior,
Muilo pior que o carrasco.*

*Aleluia! Eis o pregão
Que se eleva até ao Céu,
E assombra o mundo pagão
Naquela Ressurreição.
Do mais humilde judeu.*

*Embora prossiga a vida,
O tempo jámais desfaz
Essa tragédia vivida
Duma ignominia deixada
Mil e tal anos atrás.*

*Cai o pano, a mutação!
E o povo crente e tenaz
Na sua religião,
Aclama a Ressurreição
Numa aleluia de paz!*

Páscoa de 1967

VIRGÍNIO PIRES

Dedicatória ao Algarve

*Traz o Algarve de há tanto embevecida
Mais do que a alma, a minha própria vida,
Que saudosa soubera interpretá-lo!*

DO AUTOR

SOU quase um algarvio. Quase! Dai o facto da minha paixão por esta terra, ao ponto de não saber explicá-la. Quem

POR
António Augusto Santos

saberá explicar o amor, ou por que o amor veio?

Há na palavra Algarve qualquer coisa que fala do sul quente e morno, o que me fascina. Terra onde tudo é belo, desde o céu de hortênsia luminoso ao mar de um azul fenício sem igual; da paisagem ao clima, dos olhos das mulheres, misto de moiras, ao seu doaire incomparável.

Berço de minha esposa e de meus dois filhos mais novos! Mercê deles, achei-me convertido algarvio pelo coração, algemado para a «pena maior» que o amor é capaz de cumprir, ditoso do seu destino.

Devo a este lindo rincão, debruçado sobre o mar, o seu elogio. Bem o desejaria fazer a poder de um «retrato», mas faltam-me o engenho e as tintas

(Continua na 2.ª página)

CASA DO ALGARVE

Da Direcção da Casa do Algarve recebemos o amável officio que a seguir transcrevemos:

Senhor Director do jornal Povo Algarvio — Tavira

É com muito prazer que a Direcção da Casa do Algarve cumpre o dever de informar V. de que tendo em atenção o interesse que vos merecem as actividades da Casa do Algarve e a publicidade sempre dispensada às mesmas, a sua Assembleia Geral em sessão de 28 de Fevereiro p. p. aprovou por aclamação um voto de agradecimento ao jornal «Povo Algarvio» e que, este fique exarado em acta. Digne-se V. aceitar os nossos mais cordiais cumprimentos e protestos de muita consideração.

Muito atentamente
O Presidente da Direcção
José Correia Matoso

Com desejos de muitas prosperidades para a nossa Casa Regional, agradecemos, sinceramente, o voto com que se dignou distinguir o nosso jornal,

EXAMES DE ADULTOS

NÃO há-de estranhar que aborde estes assuntos quem souber que o autor lavorou durante 50 anos nas leiras do ensino primário e teve a honra de presidir nos últimos dez anos ao júri permanente de exames de adultos em Lisboa que abrange também os concelhos circunvizinhos. Ainda hoje se sente com vigor físico e lucidez de espirito para continuar.

Ouço muitas vezes perguntar: «ainda há exames de adultos? Mas onde vão buscar tantos analfabetos?»

Quem atentar um pouco no panorama do ensino no nosso País, verá que não há razão para admirações.

TROVA

Lembro-me logo catroia,
Se me afagas ternamente,
Que a ondo que beija o praio
Também beija muita gente.

V. P.

Num país em que havia regiões como a do concelho de Odemira, o de maior extensão, em que a percentagem dos iletrados era de 85% e no meu concelho e no vizinho de Cas-

(Continua na 2.ª página)

JOGOS FLORAIS DA PRIMAVERA

Damos à estampa o regulamento do certame poético promovido pela Sociedade Orfeónica que se realizará na noite de 20 de Maio e que está a despertar grande interesse nos meios literários da provincia.

REGULAMENTO

1.º — Os Jogos Florais da Primavera, promovidos pela Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, de Tavira, realizar-se-ão na noite de 20 Maio de 1967 no salão de Festas da mesma Sociedade.

2.º São admitidos os seguintes géneros literários:

- a) Poesia obrigada a mote.
- f) Poesia Lírica.
- c) Quadra.

(Continua na 2.ª página)

DR. FERNANDO DE PÁDUA NOVO PROF. CATEDRÁTICO DA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

Foi aprovado na prova para professor catedrático da Universidade de Lisboa, o sr. Doutor Fernando Manuel Archer Moreira Paraiso de Pádua, natural de Faro, que, perante o júri presidido pelo vice-Reitor da Universidade de Lisboa, escolheu para dissertação o trabalho intitulado «Do ensino e da investigação em terapêutica médica».

Endereçamos ao nável e distinto Professor algarvio da Faculdade de Medicina de Lisboa as nossas felicitações.

AUTOS DE POSSE DOS NOVOS CORPOS DIRECTIVOS DA CASA DO ALGARVE, EM LISBOA, PARA 1967-68

COM a devida solenidade realizaram-se no passado dia 6 do corrente, sob a presidência do sr. General Leonel Vieira, Presidente da Assembleia Geral da Casa do Algarve, os autos de posses dos dirigentes de vários sectores da nossa Casa Regional, na Capital, estando presentes destacado número de valorosos algarvios residentes em Lisboa. Além dos Corpos Gerentes, eleitos em Assembleia Geral: Assembleia Geral, Conselho Fiscal e Direcção, cujos nomes já foram divulgados pela imprensa, foram

igualmente empossados o Conselho Superior Regional, Comissão Cultural, Comissão de Turismo e Propaganda, Comissão de Beneficência, Comissão da Biblioteca e Comissão de Festas, as quais ficaram assim constituídas:

Albufeira, António Libânio Correia e Dr. José João Vieira; Alcoutim, Jorge Arez Mascarenhas; Aljezur, Major J. J. Nascimento Moura e Eng. João S. Quintas Junior; Castro Marim, Dr. Armando Celorico Drago e

(Continua na 2.ª página)

Exames de Adultos Dedicatória ao Algarve

(Continuação da 1.ª página)

tro Marim era de 75% que admira que a massa obscura se se mantenha ainda volumosa? (Não averiguemos agora as causas desse atraso) E dos que fulgiam como senhores dos segredos e encantos do alfabeto, quantos não iam além de rabisar o nome e mal? Quando nos recenseamentos eleitorais só figuravam os que sabiam ler e escrever, no meu conceito (Alcoulim) o número dos inscritos não atingia a casa das três centenas, se bem que também seja verdade que aquele recinto era vedado aos que não seguiam mansamente sob o cajado do maior político.

Aconteceu até que dada a mudança política me coube ter de servir de notário para abonar assinaturas feitas para fins de matéria fiscal. Ajarceou um indivíduo e perguntei-lhe se sabia escrever. Ofendido nos brios da sua sapiência de homem que por causa dela se julgava superior, retorquiu-me com arrogância e desdém: «Ora essa! Não sou eleitor?!» Humildemente estendi-lhe a caneta. O homem que por suas letras subira ao privilégio daquela situação, impou, suou, mas não conseguiu levar o aparato para diante; negou-se-lhe intransigentemente. Um outro de apelido Pereira e pertencia também ao grupo dos iluminados, tanta força aplicou na cerzadura do nome que da sílaba «rei» lhe brotaram 4 erres, tantos quantos os membros em que se apoiara para fazer a obra. Perliciam estes e outros ao grupo dos 25%, onde se acendera o facho que bate as trevas da ignorância.

É difícil, é mesmo muito difícil, ensinar um adulto quando este se mantém virgem dos fulgores da instrução. E se a massa cinzenta está convertida em massa granítica, não há escopro que consiga abrir brecha por mais hábil e paciente que seja o artista que o manobre.

Tem autoridade para fazer esta afirmação quem já preparou 300 adultos sem nenhum ser da época *dourada* nem ir à mesa do seu júri.

É chegamos a um problema crucial. O legislador traçou a trama que dentro de 10 a 20 anos acabará ou reduzirá ao mínimo o analfabetismo em Portugal.

Mas devia ter abrandado os rigores da lei ou deixar-lhes várias aberturas para o caso dos adultos. É bem certo que se não mantivesse essa intransigência, a lei se poderia esborvar deixando diluídos os seus bons propósitos. Temos a exigência dos exames dos adultos para todas as situações ainda as mais comezinhas. Não se fizeram para eles programas especiais. Estão de pé os mesmos que regem os exames das crianças. É por isso para alguns a simples comparação do candidato ao acto do exame é motivo de aprovação. Interroga-se: quantas sílabas tem a palavra água? — Uma. E porque é acentuada? — Porque pertence ao verbo haver. Está aprovado. Não é mais honesto evitar perguntas para se ouvirem respostas destas? Nos últimos tempos da minha presidência, passei de redacção o tema — «A Minha Pátria». Como sempre o fazia dei-lhe uma ideia para eles se orientarem. Tema difícil, obscuro, para um indivíduo que deve colocar o amor da Pátria entre os seus maiores amores? Pois um escreveu: «A árvore respira pelas folhas e a casca do tronco alimenta-se da raiz». É mais nada. Aprova-se num fim de curso, embora modesto, como é o do ensino primário, quem deste modo discernir sobre um tema que se lhe dá? Não será isto passar um diploma falso? Vamos para o lado oposto? Mas então quem recebe a aprovação?

Alegam que a matéria dos programas não é necessária para muitas ocupações. Devemos, então, ignorá-la nós, quando a lei não transige, mantendo-se firme?

Cogitem neste assunto, e, embora já tarde, se tiver solução e há-de tê-la, dê-lha quem pode.

Trindade e Lima
(Anacleto Pires)

A Posse dos novos corpos directivos da Casa do Algarve em Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

João Luiz Fernandes Junior; Faro, Major Mateus Moreno e Dr. F. Ascensão Mendonça; Lagoa, H. Neves Franco e prof. José Francisco Cabrita; Lagos, General Leonel Vieira e José Canelas; Loulé Eng. Dr. José António Madeira e Dr. António de Sousa Pontes; Monchique, Eng. António Furtado e Major Virgílio C. de Campos; Olhão, Dr. D. Maria Odete Leonardo da Fonseca e Arnaldo Martins de Brito; Portimão, Joaquim António Nunes e Braz de Almeida Conde; S. Brás de Alportel, Dr. José de Sousa Carrusca e Dr. João Viegas Sancho; Silves, Julião Quintinha e Dr. Mauricio S. Monteiro; Tavira, Dr. José Ascensão Conreiras e Dr. Humberto Sérgio Brito Avó; Vila do Bispo, Comandante José Correia Matoso e Coronel José F. C. Leal e Vila Real de Santo António, Francisco Camarada Martin e Eng. Francisco António Rodrigues, pelo Conselho Superior Regional.

Dr. Mário Lyster Franco e João Pinto Dias Pires, como Delegados do Algarve.

Arnaldo Martins de Brito e Dr. João Viegas Sancho, como Delegados à Federação das Colectividades de Educação e Recreio.

Alberto de Sousa Oliva, Coronel Eng. Alexandre Nobre Santos, Dr. António de S. Pontes, Dr. Carlos Abecassis Resende, Brigadeiro F. Rafael Alves, Prof. Dr. Frederico Madeira, Dr. Joaquim Alberto Iria, Joaquim António Nunes, Almirante Joaquim de Sousa Uva, Eng. Dr. José António Madeira, Eng. José Farrajota Ramos, José F. M. B. Gamboa, Dr. José João Vieira, Eng. José L. da Silva Carvalho, Dr. José Mendonça e Costa, Dr. José Rodrigues Pablo, Eng. M. Bivar Weinholtz, Dr. M. Mendonça Bailarim, Coronel Manuel de Sousa Rosal Junior, Dr. Manuel Viegas Guerreiro, Dr. D. Maria Odete L. da Fonseca, D. Maria Campina, Dr. D. Mariana Amélia Machado Santos, Major Mateus Moreno Junior, Dr. Mauricio Monteiro, Comandante Pedro Correia de Barros, Dr. Sentob Sequerra e Dr. Virgílio Passos, pela Comissão Cultural. Foi nomeado Presidente desta Comissão o sr. Dr. Joaquim Alberto Iria. H. Neves Franco (Presidente Honorário).

José Raul da Graça Mira e Luís Gravanita Franco, pela Comissão de Turismo e Propaganda.

Eng. Manuel Aboim Sande Lemos (Presidente Honorário), Dr. Humberto José Pacheco (Presidente Honorário), Manuel Augusto Barreiros, Jerónimo Gregório Marcos, Dr. Francisco Dias Rosa Junior e sr. D. Maria das Dores Villa Pacheco, Clotilde do Carmo Pacheco, Alice Esteves Guerreiro Murta, Julieta Carrasco, Izilda Ascensão Costa Santos Guerreiro, Isabel Seita Monteiro, Gertrudes Azevedo Silva, Ester de Araujo Neves Franco, Emília do Nascimento Mealha, Ilda Cansado, Rosário Fernandes Salgado Moreno, Raquel Farinhose Graça Mira, Mercês Vinhas Cabrita, Maria dos Remédios B. Fernandes, Dr. Maria Odete L. da Fonseca e Maria João Lopes do Paço, Maria Braz Conde e Maria Amélia Olavo Cruz, pela Comissão de Beneficência.

Jerónimo G. Marcos (Presidente), Dr. João Viegas Sancho e Francisco Viegas Carramba Junior, pela Comissão da Biblioteca.

José do Carmo (Presidente), João Boaventura Palmeira, José G. Lucas Matoso, José Augusto Bringel, João Lourenço M. da Silva, Rua Manuel F. Feijó, Avelino Cristóvão M. Leote e Lélis Montes da Luz, pela Comissão de Festas.

Com palavras de exortação para a união de todos os algarvios na defesa dos interesses do Algarve e de muita satisfação pela presença de tão valiosos e distintos elementos, encerraram a sessão os srs. General Leonel Vieira e o Presidente da Direcção, Com. José Correia Matoso.

VENDE-SE

Prédio de 2 andares com frente para a Rua 5 de Outubro e João Vaz Corte Real. Os andares estão devolutos.

Facilita-se o pagamento. Tratar com José Anibal Palma e Silva — Tavira.

(Continuação da 1.ª página)

exactas para o plasticar. Esses pertencem aos grandes mestres — orgulho deste berço — João de Deus, Dantas, Lúcio, Guerreiro, Teixeira Gomes, Emília, Passos e tantos outros que o cantaram como ninguém!

Por isso, limitar-me-ei a uma simples dedicatória. Ela aqui fica, com a ternura com que se presenteia pessoa muito querida ou muito amiga com um livro escolhido, que sabemos da sua rara predilecção, para que não sejamos esquecidos na medida em que o genial autor não nos deixe esquecer...

Algarve. Chegou Fevereiro com o seu inverno de sonho. Inverno onde a neve tem a leveza de uma asa, o encanto de mil flores e a beleza de uma lenda.

E vem o milagre de Deus. Poema lindo, em verso branco... Neve e flor não rimam, mas dão a todo o poema que ilustra a paisagem algarvia uma beleza garretteana.

Supremo milagre de Fevereiro em flor, que por este Jardim de 30 Léguas rompe a cantar (com a veemência da Marselhesa) a «Sagração da Primavera».

Tavira, Santa Bárbara de Nexe, Orada, Alte, Albufeira são as partituras abertas da grande orquestração.

Tema: A lenda deste oceano vizinho, muito azul, que, cansado de ser fúria, esfacelando-se em espuma contra as falésias, galgou a terra e veio metamorfosear-se em flores adornando amendoeiras e piornos.

«Balada da Neve», que Augusto Gil plagiou dos arquivos divinos... Branco e róseo quentes, espectacularmente belas, animam a paisagem. Ballet maravilhoso que as árvores de branco e róseo, nos seus «tutus», mostrando o pé gentil e as formas graciosas, exibem em «pirouetes», «adágios» e «arabesques», de singular efeito, nas «Sifides» com que as «Dancans», «Gristos», «Pawlovas», «Fonteyns», e «Nerinas» enchem os baixios desta terra meridional.

Subimos até Monchique — olympo algarvio. Eden fabuloso onde os castanheiros, as acácias, os pinheiros, as figueiras e variadíssimas espécies se casam numa promiscuidade de verdes selvática. Floresta de um bucolismo surpreendente, onde as ramadas dos arbustos se entrelaçam e enclavinham amorosos. Em cada Primavera um novo anseio mais longo, mais ditoso e mais ardente renasce como Phoenix.

Uma sede de azul leva-nos a fugir aquela promiscuidade — àquele labirinto verde. Desfazemo-nos do encastrado das pernas, e ascendemos. Pícolta, Fôia deixam-se dominar como zimbórios desta terra de sonho. Da grande altitude, os nossos olhos dominam terra e mar, num sonho de água! Viajando no «telesférico» da nossa admiração, os olhos voam... Todo o sul de Portugal está a nossos pés, rendendo vassalagem.

Sagres, terra sagrada! Sonho do Infante! Promontório Sacro, oroa feita aos mares, apontando o rumo longo e triunfante de novos mundos. Dalí: Gamas, Cabrais partiram para a missão de legar à Fé de Cristo novas

Agradecimento

A família de João Pedro Viegas, na impossibilidade de o poder fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada e bem assim a todos que de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar.

gentes. Lá em baixo, num azul turqueza, o mar aquietou-se dominado. Reza por todo o clausal das naves de jurássico orações arcaicas que só os sonhadores sabem entender.

António Augusto Santos

(Conclue no próximo número)

PASCOA

(Continuação da 1.ª página)

Os tempos mudaram... Os homens mudaram. Mas a palavra Páscoa conserva intacto o prestígio dum jorro de aromas e rejuvenescimento que refresca homens e tempos, nas alegrias e no desejo duma Primavera eterna, para além da vida, sem limitações nem inferioridade, sem insatisfação nem fadiga.

Jogos Florais

(Continuação da 1.ª página)

A quadra para o mote, da autoria do consagrado e saudoso poeta taviense Isidoro Pires, é a seguinte:

Por transformação existo
No mundo que não tem fim
Que serei eu depois disto?
Que fui eu antes de mim?

5.º — Cada concorrente pode apresentar mais do que uma produção de cada género e cada produção deverá ser dactilografada em triplicado e subscrita com um pseudónimo. Juntamente, num envelope lacrado e com o pseudónimo no exterior, deve vir um cartão com o verdadeiro nome e morada do concorrente.

4.º — O prazo para a entrega das produções termina à meia-noite do 14 de Maio. Devem ser enviadas à Direcção da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, «Jogos Florais da Primavera».

5.º — A classificação dos trabalhos será feita, dentro de cada género, em mérito relativo, por um júri especialmen e constituído para esse fim.

6.º — O resultado dos Jogos Florais da Primavera será tornado público na noite de 20 de Maio. Nesta altura serão lidos os trabalhos premiados, cabendo ao primeiro classificado na Poesia obrigada a mote o título de Príncipe dos Poetas dos Jogos Florais e escolha da Rainha da Festa. As «Damas de Honor» serão escolhidas pelos primeiros classificados nos restantes géneros.

7.º — Se os concorrentes classificados em primeiro lugar forem do sexo feminino ou não tenham apresentado delegado para o representar, cabe ao júri a escolha da «Rainha da Festa» e suas «Damas de Honor».

8.º — Haverá, pelo menos, um prémio para cada um dos géneros admitidos, além das menções honrosas que o júri entender dever atribuir.

9.º — Os trabalhos premiados poderão ser lidos pelos seus próprios autores, se estiverem presentes e assim o entenderem, ou pelos mantenedores.

10.º — Não poderão concorrer os membros do júri nem será permitido a qualquer autor guardar o anonimato.

11.º — A Sociedade Orfeónica, entidade promotora do certame, fica reservado o direito de publicar ou musicar se assim entender as produções premiadas.



Santo Estêvão

Um gesto de benemerência — Por mais longa que seja a permanência dos portugueses no estrangeiro, não se apaga da sua memória a saudade, o amor ou o ardente desejo de voltar à sua terra natal.

Assim aconteceu ao sr. Joaquim Palmeira, natural desta freguesia, residente em Marrocos há cerca de 30 anos.

Há tempo, para matar saudades, resolveu visitar na companhia de vários amigos franceses a terra que lhe foi berço, e assim aconteceu.

Ao passar junto da igreja paroquial verificou que o portão principal do templo se encontrava em estado precário e então encarregou alguém para construir um novo portão que ascendeu a importância de 10 600\$00 e que em breve deverá estar colocado.

Não há dúvida que o sr. Joaquim Palmeira a assinalar a sua passagem por Santo Estêvão, após tantos anos de ausência que oferecer algo de importante para a igreja da sua terra.

Trata-se dum gesto de benemerência que caracteriza os bons portugueses. Os seus conterrâneos através do «Povo Algarvio» desejam expressar-lhe a maior gratidão e o mais vivo reconhecimento.

Bem haja! — C.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Catarina da Conceição Costa e o menino Brálio Alexandrino Tavares dos Santos.

Em 27 — D. Maria de Lourdes da Saúde Pires de Brito, D. Maria José Madeira, D. Maria Sebastião Andrade Ferreira, menina Maria Geraldina Reis Teixeira Lopes e os srs. Dr. Henrique Júdice Leote Cavaco, Joaquim Domingos e Apolinário Damasceno da Fonseca e Silva.

Em 28 — D. Beatriz Costa da Fonseca e Silva, D. Maria Eduarda Ramos Pires Modesto, D. Maria Laura Romeira Canseira, menina Angela Maria Lopes Felício e os srs. Francisco Fernando Conreiras Lopes, José Mateus Mendes, Luis Carlos Gonçalves de Freitas Raimundo, José Joaquim Bento e José Marques Gaspar Gonçalves.

Em 29 — D. Maria Vitorina Parra Viegas, D. Laura de Jesus Eustácia dos Reis, D. Custódia das Dores Viegas e o sr. Custódio Victor Palmeira.

Em 30 — Menina Maria de Fátima Machado Bento e o sr. Manuel José Leiria.

Em 31 — D. Ester Alice Rodrigues, meninas Maria da Conceição Machado, Maria Celeste da Conceição Bento e os srs. Mateus de Pádua Cruz Teixeira de Azevedo, Sebastião António da Encarnação e Armando Martins da Costa.

Em 1 — D. Almerinda da Encarnação Luzia e os srs. Renato Júlio Pires e Renato Teodoro Agostinho Bento.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa esteve no Algarve onde veio passar a Páscoa, o sr. Brigadeiro Vasco Martins, nosso prezado amigo e conterrâneo, professor dos Altos Estudos.

De visita a sua irmã e primos encontra-se nesta cidade com sua esposa, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. capitão João Nicolau de Matos, residente em Lisboa.

Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Manuel de Sousa Peralta, chefe da Repartição de Finanças de um dos bairros de Lisboa.

De visita a seu primo sr. Engenheiro Eugénio Júdice, Director dos Serviços Florestais desta Zona do Algarve, esteve em Tavira, com sua esposa, o sr. Professor José Jacinto Nunes, antigo Subsecretário de Estado do Tesouro e actual Administrador do Banco de Portugal.

Doente

Tem passado incomodado de saúde o nosso assinante sr. José Augusto Neves, conceituado comerciante da nossa praça, a quem d. sejamos rápidas melhoras.

Casamentos

No passado dia 10 do corrente, realizou-se na cidade de Mulheim-Ruhr, na Alemanha, o enlace matrimonial da menina Regina Maria Pires Brás, pretendida filha do sr. José Anastácio Brás, comerciante, e de sua esposa, sr.ª D. Maria Regina Pires Brás, com o sr. Fernando B. Franco, filho do sr. Fernando José Franco e de sua esposa, sr.ª D. Martinha B. Franco, residentes no Seixal.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, sua irmã, menina Maria da Estrela Pires Brás, empregada corporativa e seu avô uaterno sr. Manuel Pires Florêncio, que se fizeram representar pelos pais da noiva e por parte do noivo o sr. Carlos Feliciano Soares, gerente comercial da firma Pergil, de Lisboa e sua esposa, os quais se fizeram representar pelo sr. Edmundo Gomes Filho, agente de vendas da Firma Tenfer-Dehen, em Mulheim-Ruhr.

Após a cerimónia foi servido em casa dos pais da noiva um tino copo de água, vindo-se entre os convidados grande número de pessoas da colónia portuguesa naquela cidade alemã.

Na co-beille destacavam se lindas e valiosas prendas. Foi recebido grande número de telegramas vindos não só do continente como das províncias portuguesas de África e, ainda, de alguns pontos da Alemanha.

Os noivos seguiram, mais tarde, em viagem de núpcias para o norte da Holanda, fixando residência naquela cidade alemã de Mulheim-Ruhr.

Realizou-se em 18 de Fevereiro, numa das Conservatórias do Registo Civil de Lisboa, o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr.ª D. Maria Flávia Soares Barqueira, estudante universitária, pretendida filha da sr.ª D. Maria Benilde Vaz Soares Barqueira e do sr. Manuel Joaquim Domingos Barqueira, comerciante, com o sr. Augusto Alexandre Rodrigues de Campos, natural de Santa Comba Dão, filho da sr.ª D. Emília Andrade Agostinho e do sr. Alexandre Rodrigues de Campos, residente no Canadá.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Flora Maria Vaz Pereira Rodrigues Salgado e o sr. Rui Rodrigues Salgado e por parte do noivo a sr.ª D. Noémia Duarte e o sr. Anselmo Duarte.

Finda a cerimónia foi servido um copo de água aos convidados no Restaurante de Castanheira de Moura. Aos conjugues desejamos muitas felicidades.

ELEMENTOS DE ARQUEOLOGIA SOBRE O ALGARVE

(Dos romanos aos árabes, na zona central da provincia)

por J. Fernandes Mascarenhas

Um Túmulo Romano de Inceneração e uma Moeda, da mesma origem, encontrados no Morgado de Dona Menga (12)

Poucos foram os pontos do Algarve onde os romanos não estiveram na sua marcha vitoriosa para o Ocidente, desde que, no ano de 218 antes de Cristo, desembarcaram na Península, na praia de Ampúrias.

Na região de Faro-Tavira, aquela que tem sido objecto da nossa maior atenção e estudo, vários têm sido os vestígios da sua passagem, assinalados por diversos arqueólogos. A alguns



Moeda idêntica à que foi encontrada no Morgado de D. Menga (verso)

deles já nós nos temos referido em diversos artigos, designadamente, no nosso estudo sobre a via romana que ligava Ossónoba a Balsa (45), no qual revelámos a descoberta e identificação de um marco miliário (o único que conhecemos no Algarve), relacionando-o com a localização da primeira dessas cidades. Porém, a par desses vestígios, muitos outros têm aparecido dessa brilhante civilização. Claro que muitos deles são imediatamente destruídos pela enxada do trabalhador do campo e pelo tractor, mas alguns sempre escapam, permitindo um melhor conhecimento da vida dos povos que nos procederam.

Assim no antigo morgado da Dona Menga ou da Belota, situado na freguesia da Luz de Tavira, próximo de Amaro Gonçalves, o qual pertenceu à ilustre família Pantoja e depois foi adquirido, por compra, pelo sr. Luciano Graça, de Moncarapacho, têm sido encontrados muitos restos da civilização romana, em cavas profundas aí realizadas no decorrer dos anos.

(45) J. Fernandes Mascarenhas, *De Ossónoba a Balsa*, in «Letras e Artes», do jornal diário *Novidades*, N.º 24, de 16 de Julho de 1950.

(CONTINUA)

LAGOS *Retratada.*

Não teria Ossónoba sido já localizada?

Longe de mim a ideia de procurar diminuir a competência arqueológica do distinto escritor, sr. Fernandes Mascarenhas, ou tentar convencer alguém, que possuímos ciência! Porém, temos vindo acompanhando o publicado neste jornal sobre Ossónoba e como o autor salienta a sua intenção: «Subsídios para o estudo da via romana que ligava as duas cidades e localização de Ossónoba», acabei por meditar deveras neste assunto e, sem desejar fazer arrefecer o autor no seu esforço, antes pelo contrário, lembro-lhe que Pampónio Mella, Plínio e outros geógrafos e historiadores dividem a Costa Litoral do Algarve em dois promontórios: um a que foi dado o nome de *Cunco* (cunha) e outro *Sacro*, e mencionaram as povoações que faziam parte de cada um, fazendo parte do Cabo (Cunco, M. rtola, Balsa e Ossónoba ou Myrtilis; e no *Sacro*, apenas Lacóbriga e Pontus Hanssibalis (Alvor), não mencionando a importante cidade de *Bodeia*, na «Boca do Rio».

Fr. Vicente Salgado, depois de aturados estudos em Estoy, confirma ter sido ali a existência de Ossónoba ou Estuaria e, como sabe, a esta cidade deram-lhe diversas formas de nomes.

Muitos séculos antes do *Santário Mariano*, Antonino, no seu *Itinerário*, marca a distância de Balsa (pouco mais ou menos no arco da actual Tavira), afirmando que de Balsa a Ossónoba havia 16 milhas, ou sejam 4 léguas.

Nesse *Itinerário* de Antonino temos a seguinte elucidação: De Aesuri (Castro Marim) a Pax Júlia (Beja), mpm. CCLXXVII; de Aesuri a Balsa (Tavira) mpm. XXVIII; de Balsa a Ossónoba, mpm. XVI; de Ossónoba a Arandis, mpm. LV; de Arandis a Salacia (Alcácer do Sal) mpm. XXXV; de Salacia a Evora, mpm. XLVIII; de Evora a Serpa, mpm. XIII; de Serpa a Fines (Moura?) mpm. XX; de Fines a Arucci (Mourão) mpm. XXV; de Arucci a Pax Júlia, mpm. XXX.

Ora, se estas medidas estão correctas, parece-me que será fácil verificar se estão certas as afirmações dos competentes arqueólogos e historiadores que muito têm feito para nos elucidar da sua existência e localização, como sendo em Estoy.

Além de Mella, Plínio, Strabão, Sílio Itálico, Leite de Vasconcelos, Estácio da Veiga e Fr. Vicente Salgado, muitos outros sábios nos deram já um enorme volume de elementos, próprios a conter a nossa ansia de saber respeitante à situação de Ossónoba.

Esta cidade ficava no litoral, conforme demonstra a sua medalha de Ossónoba, a qual mostra de um lado, um navio com velas muito largas e no reverso um peixe, tendo ao alto a palavra *Ossonoba*.

Estácio da Veiga, em 1878, localizou aquela cidade no sítio do Milreu; eis as suas próprias palavras, no vol. II das *Antiquidades Monumentais do Algarve*:

«Todos os geógrafos e muitos historiadores antigos dão notícia de uma famosa cidade, que donominam *Ossonoba*, na orla meridional da península hispanica; mas entre os modernos historiadores foi sempre mais ou menos disputada a area que essa cidade occupou, propondo uns que se tivesse ajuntado no perimetro que abrange actualmente Faro, outros collocando-a em Faro e ainda um que a levou até Estombar, em linha recta, 52 quilometros distante de Estoy.

«Sempre impugnei uma tão especiosa asserção, servindo-me dos fundamentos que me levaram em 1878 ao campo de Milreu, onde puz à vista a famosa Cathedral de Ossonoba, que já no terceiro século, em pleno dominio romano, enviava os seus bispos aos concílios de Hespanha; descobri um opulento edificio balneario com 58 compartimentos, casas de habitação, officinas industriais, arruamentos, canalizações, e nas abas do serro de Guelhiu o cemitério da cidade pagã, inteiramente separada dos monumentos e jazigos christãos, que torneavam o magestoso templo da ordem corinthia, nos seus dois claustros, circundantes e até invadiram o asuago da propria cathedral. Um dos que duvidavam de que Ossonoba tivesse existido no campo de Milreu, ali foi avistar-se comigo, mas a sua boa fé e segura illustração não lhe permitiu retirar-se sem me felicitar por haver eu descoberto a verdadeira sede de Ossonoba; e esse homem dignissimo era o dr. Justino Cumano...»

O Milreu é portanto a sede de Ossonoba, dessa opulentissima cidade, que o geografo Rasis diz ser de *todas as cidades do mundo a melhor*.

Onde ficaria situada Arandis? Seria em Monchique ou em Estombar? Houve muito mais cidades no Algarve que não foram mencionadas por aqueles geógrafos e historiadores. Recomendando ao sr. Fernandes Mascarenhas, que deve empregar nas suas pesquisas um hábil *pendulista*, pois a radiestesia pode prestar-lhe valiosos serviços nos seus trabalhos. Veja se consegue dar razão a esse grande sábio, que foi o saudoso investigador Estácio da Veiga:

Ossónoba era uma cidade e não uma região — porque essa região,

nesse tempo, era chamada Lusitânia — região de homens guerreiros.

Manuel Geraldo

POEMAS DO MEU TEMPO

de J. Santos Stockler

Foi com verdadeira satisfação que recebi o novo trabalho de S. Stockler e nos informámos, pela leitura, dos caminhos poéticos que o autor, embevecido, trilha.

Prometemos desde logo, em espírito, não lhe fazer o elogio literário, que esse fá-lo o livro em si mesmo. Nem queremos vir aqui declarar, como é uso nas notícias criticas, que o poeta é este e aquele e disse isto e aquilo, com tais e tais intenções, porque recursos dessa natureza deixam, por via de regra, em erro os que desconhecem a obra, e em surpresa os que a lerem, não sendo, de todos, o menos surpreendido aquele que a escreve.

Notamos contudo, e isto ninguém negará, que S. Stockler de continuo sente que o açoitado e duro látego duma vocação poética nascida e criada apesar de tudo e contra tudo, facho de luz ardente que se mantém aceso, em plena ventania fustigante.

Não é esta em que vivemos a hora de ouro do verso. Semelhante aqueles instrumentos que os músicos guardam por séculos nas arrecadações, até que um compositor de génio se lembra de ir buscá-los e, aproveitando-os, tira deles recursos milagrosos, assim os versos, ora minguados ora e-trichados, paupérrimos de rima e toada, humildemente se desvanecem nas frases em que o poeta se comunica. Não estamos, vê se, na idade de ouro do verso.

Mas há poetas sinceros e autênticos, na linha das gerações modernas. Testemunharam-no abertamente António Quadros, Mourão Ferreira, Mário Beirão, Ruy Cinatti, Sebastião da Gama, Sofia Andressen e tantos, tantos outros...

Santos Stockler conhece os Admiradores. A muitos consagra os seus poemas e deles procura aproximar-se. E, notando-lhe este pendor e tendência para uma camaradagem literária de verdadeiro escol, aqui lhe deixamos, com um abraço de sinceros parabéns, a velha sentença da eterna sabedoria dos povos: chega-te aos bons, serás um deles. Assim o desejamos. E assim o consideramos.

A edição, das oficinas do «Jornal do Oeste», merece também uma palavra de apreço pelo gosto que revela.

A seguir damos à estampa um dos seus belos versos:

*Brasas de chuva oleaginosas
Gritam meu corpo de pedra
Rios de estrelas apagadas
Incendiam as ervas do meu peito
Chagas de vento siliquoso
Afogam-me o riso dos olhos
Penas de espuma vidrada
Pisam meus dedos de gelo
Ondas de aço em pó
Queimam o sol dos meus lábios
Os dentes neblinicos do «nada»
Amortalham-me os dentes do rosto
E a música fúnebre da tarde
Calcina-me os ossos dos passos
Metalizando-me no pó do tempo!*

Da Praia ao Claustro

Oliveiros Braz Machado

Não temos em vista anunciar ao público a delicada obra de Oliveiros Braz Machado, com o título acima indicado. Há muito os amadores de boas leituras a conhecem e estimam, pelos seus valores literários e pelo nome que a subscreve, em tudo credor do nosso maior apreço e da nossa mais respeitosa simpatia.

Oliveiros Braz Machado, de muito novo se distinguiu pelas qualidades excepcionais do seu espírito culto e pelos dotes singulares do seu coração diamantino.

«Povo Algarvio», que conta o seu nome entre os colaboradores de maior vulto, e disso muito se ufana, acaba de receber a novela «Da Praia ao Claustro» com imenso apreço. Como os homens, os livros não se medem aos palmos, e à dimensão avante-jada do valor literário, o nosso amigo sr. Braz Machado acrescenta sempre o fim altruista das suas publicações.

Muito nos aprobeu ler e reler o seu trabalho. O leitor incipiente incorpora-se no herói do livro e, durante a leitura, com ele vive e sente, criando um segundo. Os grandes amadores da leitura, esses vão mais longe: a tra-vez da obra, anotam uma a uma as faculdades do autor e as suas características de espírito e coração.

Nos trabalhos do autor em referência, a par da simplicidade e correção do estilo, sensibiliza-nos a delicadeza do seu espírito, elevado e bondoso, tocado duma suave melancolia e dum cendrado amor por tudo o que é belo e nobre.

Agradecemos publicamente a sua honrosa atenção, aqui desejamos muitos e muitos anos de vida literária ao nosso estimado colaborador.

NECROLOGIA

Luis Alberto

No passado dia 15 do corrente, faleceu nesta cidade o sr. Luis Alberto, de 81 anos de idade, natural de Tavira. O falecido era casado com a sr.ª D. Maria Eduarda dos Santos, irmão do sr. José do Nascimento e tio das sr.ªs D. Olinda da Conceição Pereira Martins, D. Maria Manuela Pereira Martins Carmona e D. Maria da Saudade Pereira Martins.

D. Beatriz Adelaide dos Prazeres

No dia 17 de Março corrente, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Beatriz Adelaide dos Prazeres Cabrinha Santos, de 84 anos de idade, natural de Tavira, viúva do escritor e jornalista taviense José Maria dos Santos Junior.

A falecida era mãe do sr. José António dos Santos, solicitador, e das sr.ªs D. Maria Eduarda Cabrinha Santos, D. Beatriz Cabrinha Santos, D. Maria Luísa Cabrinha Santos e D. Maria Adelaide Cabrinha Santos Ortega e sogra dos srs. prof. Eduardo Gonçalves Dóres e Rui Ortega, funcionário do Banco Nacional Ultramarino.

Os seus restos mortais estiveram depositados na igreja de S. José, donde se realizou o funeral.

Vitoriano Mascarenhas Nicolau

Em Santo Estêvão, faleceu no passado dia 15 do corrente, após prolongado sofrimento, o sr. Vitoriano Mascarenhas Nicolau, de 16 anos de idade, filho extremoso da sr.ª D. Maria José Mascarenhas e do sr. Bernardino Nicolau Maria, proprietário, e irmão do menino Eduardo Mascarenhas Nicolau.

A morte do desditoso moço causou profundo pesar em toda a freguesia, tendo o seu funeral, que se realizou na tarde de 16 do corrente, sido um dos mais concorridos dos últimos tempos.

Tenente Manuel Matias Junior

Faleceu em Lisboa o sr. Manuel Matias Junior, tenente do Exército, aposentado, natural de Tavira.

Contava 76 anos de idade e deixa viúva a sr.ª D. Maria José Castelo Branco Matias.

D. Joana do Carmo Rodrigues

Faleceu no dia 9 do corrente, nesta cidade, a sr.ª D. Joana do Carmo Rodrigues, viúva, natural de Tavira.

Era mãe das srs.ªs D. Natalia Rodrigues Machado, Ana Rodrigues Gomes e Mirandolina Lucia Rodrigues e dos srs. Joaquim Augusto Rodrigues e João do Nascimento Rodrigues, avó das srs.ªs D. Maria Rodrigues Machado Dias, D. Izalita Oteda Paixão, D. Mirita Oteda Agostinho Georgígia Rodrigues Damas e do sr. Abílio Rodrigues.

Os seus restos mortais foram depositados na igreja de Nossa Senhora do Livramento, onde foi rezada missa de corpo presente.

Às famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências.

Excursões da F. N. A. T.

Durante o mês de Abril os associados da F. N. A. T. e seus familiares poderão tomar parte nas excursões que se realizam em Portugal e em Espanha nas seguintes datas:

1 e 2 — a Coimbra, Buçaco e Tomar.
15 e 16 — a Castelo de Vide, Marvão, Portalegre e Extremoz.
22 e 23 — a Coimbra travessia da Serra da Lousã, Figueiró dos Vinhos, Tomar e Santarém.

De 15 de Abril a 4 de Maio 20 (dias) — às Ilhas Baleares, com visitas a Madrid, Saragoça, Barcelona, Palma de Maiorca, Valência, Granada, Cordova e Sevilha.

Os lugares disponíveis devem ser requisitados na sede da F. N. A. T. em Lisboa, Calçada de Santana, 180. Prestam-se informações pelo telefone 55 88 71.

CAMINHOS DE FERRO

Carruagens directas de Vila Real de Santo António a Hendaia, às 4.ªs feiras, para transporte de emigrantes

A fim de proceder ao transporte de trabalhadores algarvios que se destinam a França e além a C. P. estabeleceu um serviço semanal, às quartas-feiras, assegurado por duas carruagens directas, sem transbordo, de Vila Real de Santo António a Hendaia.

Pela Imprensa

O Educador

Completo mais um ano, entrando no seu XXXV ano de existência este nosso prezado colega, órgão de publicação trimestral ao serviço da cultura popular, que se publica em Lisboa.

É inteligentemente dirigido pelo seu director sr. Reinaldo Ferreira a quem enviamos cordiais saudações para o seu jornal.



VAMOS A ISTO!

Não é com lamúrias que se resolvem os problemas

Se cada um produzir mais e melhor teremos um mundo melhor. Será melhor se houver trabalho e pão para todos. Vamos a isto, faça como

NITRATOS DE PORTUGAL
que procuram produzir cada vez mais e sempre os melhores adubos que se podem fabricar

NITROLUSAL
NITRATO DE CÁLCIO
NITRAPOR

São os adubos das boas colheitas.
Aplique-os com confiança e abundância. Não tenha receio porque são bons adubos
NÃO POUPE NOS ADUBOS!

HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO
ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE-A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 - 323 VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Anunciar neste jornal é ter a certeza de êxito

A IGREJA PAROQUIAL DE MARTINLONGO

(Conclusão)

Mas onde a igreja de Martim Longo é verdadeiramente rica é na indumentária e na ourivesaria.

Peça notável é a sua casula do século XVII, que figurou na Exposição de Arte Sacra, em Faro, em 1940, na secção III, com o n.º 11. O fundo é de seda rosácea brochada com fio de prata e sedas de várias cores. O sebasto central tem ramos, frutos e pinhas estilizadas. Os laterais, ramagens, flores e escudetes. O efeito é encantador. A forma da casula é muito alongada com as orlas quase direitas. Abertura para a cabeça muito pequena. Tem de altura 1,22 m e de largura 0,60 m.

Estava muito mal conservada e em más condições.

Também possui esta igreja duas dalmáticas de veludo carmesim com bandas, punhos e orlas de brocatel de fundo vermelho com ramos verdes. Têm de altura 1,15 m e devem ser do século XVII.

Merecem atenção outras duas dalmáticas de damasco branco com sebastos, orlas e punhos de veludo carmesim e com alamares, que, pelas vastas proporções, me parecem ser ainda do século XVI. Do mesmo século se me afigurou uma casula de damasco verde, com sebastos e orlas de veludo da mesma cor.

Reparei numa casula de seda branca, bordada a matiz, com pontos diferentes nas flores e nas folhas. Gostaria que esta peça fosse estudada por pessoa especializada. A sua forma alongada parece acusar origem francesa. Deve ser do século XVIII e a ela se deve referir uma carta do Arquivo Paroquial, de 14 de Agosto de 1792 e outra de 18 de Setembro seguinte em que se diz que se recebeu 33\$550, importância da vestimenta branca.

Outra peça de merecimento é o *pálio* de setim branco, bordado a matiz, que figurou na Exposição de Arte Sacra, em Faro, em 1940, na secção II, com o n.º 40. Descrevo-o.

Ao centro, um florão com uma cercadura de ramagem e flores, fechadas numa moldura circular. O resto do fundo é composto de folhagem verde, fina, com vários tipos de flores estilizadas. Tudo isto é envolvido por uma larga orla em que um tronco sustenta alternadamente palmetas amareladas e tufo de folhas verdes, donde saem rosas singelas e seus botões. Nos lados mais curtos, estes ornatos, em vez de sobrepostos, ladeiam-se mutuamente. As sanefas dos lados maiores são de três tipos: ornato em leque com enrolamentos; cornucópia com flores; e flor com folhagem (três de cada). As dos lados menores são também de três tipos: rapaz com ramagens (2); cornucópia com flores (2); e flores com folhagem (1).

Pela descrição se vê que é rectangular. As suas dimensões são: 2,46 x 1,73 m. É pálio para seis varas.

Nos livros paroquiais, fala-se num «pálio branco novo», em 1866.

Tenho nos meus apontamentos uma nota que diz: «Perguntar ao Prior Leiria o que sabe sobre a confecção deste pálio». Afastado destes estudos durante muitos anos, houve tempo de o Prior Leiria morrer sem ter havido ocasião de lhe fazer a pergunta. Haverá ainda alguém que conheça a história do pálio de Martim Longo?

Haja ou não haja, ele constitui uma notabilíssima peça de Arte de que a freguesia deve orgulhar-se.

Anotei ainda duas fitas de chave de sacrário, uma branca e outra rosácea, ambas bordadas a ouro, com algum interesse; e um baldaquino com berço para o Menino Jesus, ornado

com interessantes bordados e feito em 1800.

Se a paramentária é notável não o é menos a ourivesaria.

Começo pelo *cofre para guarda do Santíssimo* — arqueta de prata branca lisa com cabeças de anjos nos pés e na base da cruz. Dimensões: 0,25 x 0,22 x 0,138 m. Muito pesado. Século XVIII. Já existia em 1808, ano em que «foram as pratas para Alcoutim, por ordem de Junob, sem que, todavia, chegasse a ser pasto da voracidade do saqueador das nossas riquezas nacionais.

Outra peça de valor é a *cruz processional*, de prata branca lavrada. Eis a sua descrição. Uma coluna canelada, à qual se segue o nó ovalado, em que há, entre os ornatos, diferentes ovais com símbolos da Paixão — coluna e esponja, bolsa de Judas, escada e lança, cruz e flagelos. A esta parte segue-se uma truncatura de pirâmide fantasiada, tendo por ornatos cruces de braços iguais e mais símbolos — dados, coroa de espinhos e cravos, martelo e torquês, escudo com as cinco chagas. Por cima, um ático donde parte a haste maior da cruz. Os ornatos geométricos são autêntico século XVII. As hastes terminam em esferas. O Cristo tem coroa de espinhos separada e o resplendor é maciço. Dimensões: 0,87 x 0,35 m.

Figurou na Exposição de Faro, em 1940, na secção II, com o n.º 15.

Foi comprada em 1753 e custou 124\$720. Foi reparada em 1800. Segundo o recibo do ourives Manuel Ribeiro Gomes, custou a reparação 54\$840.

Existem dois cálix de valor. Um do século XVII, muito interessante, de prata dourada, com a altura de 0,24 m. O outro, que figurou na Exposição de 1940, na secção I, com o n.º 16, é peça muito elegante. De prata dourada e relevada, tem o pé e a base recortados e divididos em três secções. Nestas espelhamentos com relevos — símbolos da Paixão. Falsa-copa com pânpanos, feixes de espigas e bagos de trigo. Altura: 0,275 m. Punções: escudo corado com a letra L e um círculo com a letra G, encimado por um rectângulo com as letras M R.

Há um recibo de 14 de Agosto de 1799, do ourives de Lisboa Manuel Ribeiro Gomes, no tempo do Prior Manuel Machado de Ataíde, em que diz que o cálix importou em 80\$150 incluindo a caixa de marroquim (4\$800).

Finalmente deve apontar a vetusta *custódia* de prata dourada lavrada. É do tipo *iemplete*, com cálix e tintinábulo. Os ornatos são do século XVII. Já existia, com certeza, em 1620. Altura: 0,62 m. Também figurou na Exposição de 1940, na secção I, com o n.º 22.

Oxalá seja para breve e indispensável restauro de vetusto templo. Tudo o que justifica, desde o seu «interesse público» até o facto de albergar um pequeno tesouro de Arte Sacra. É Deus queira que o não atinja alguma rajada de «progressismo». É natural que não, pois a D. G. M. N. costuma, nesse ponto, ser escrupulosa e restituir aos monumentos o «ar» que lhes deram os fundadores.

Aproveito o ensejo para lamentar os vandalismos que se estão a praticar em templos, que se desvirtuam para adaptação à nova corrente litúrgica. Que as novas igrejas se construam em função dos novos moldes do culto, admito. Mas acho também fundamental que não se destruam obras de Arte, que nos foram legadas por um passado venerável, que tinham sua justificação, com que certamente não andamos enganados durante séculos e que, mais frequentemente do que era de esperar, vemos poster-

GAZETILHA

ORA TOMA!

A Quaresma já passou,
O Judas já se enforcou
E o povo que não se altera,
Assistiu às procissões,
As festas e aos sermões
Viu chegar a Primavera.

Quem não sofre de maleitas
Comeu amendoas confeitas
E, pra alívio estomacal,
Já deixou de jejuar
Para papar o foliar
Mais o cordeiro pascal

A quadra processional
Já terminou, afinal
E assentou como uma luva:
A de Cinzas, teve graça,
Chegou só até à Praça
Porque era dia de chova...

A de Ramos, essa então,
Por ter grande tradição,
Levou bombeiros de escolta,
Antecipou a saída
E em breve foi recolhida
Porque só deu meia volta.

Sexta-Feira da Paixão,
Sai à noite, a procissão,
Do Enterro, e foi um despacho,
Porque a Banda só por manha
Bate as palhetas pra Espanha,
Veio a de Moncarapacho.

Se isto vai assim, eu penso:
Deixa de cheirar a incenso,
Não se pisa o rosmaninho,
Cada qual vai pra seu lado
E as tradições do passado
São os «yé-yé» do caminho. !?

Zé da Rua

PROMOÇÃO

Mediante concurso foi promovido a técnico verificador de 2.ª classe e colocado em Lisboa, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Daniel Flor da Rosa, que durante alguns anos prestou serviço na Repartição de Finanças desta cidade e a quem desejamos muitas prosperidades no desempenho das suas novas funções.

Sociedade Columbófila Tavirense

No dia 12 do corrente realizou esta Sociedade a solta de Coruche, na distância de 217 kms, tendo a classificação sido a seguinte:

- 1.º, 4.º, 16.º, 17.º, 18.º, 19.º e 27.º, Fernando Cansado; 2.º, 5.º, 10.º, 20.º, 21.º e 38.º, Eduardo Silva; 3.º, José das Neves; 6.º, 29.º e 39.º, João Alberto de Jesus; 7.º, 13.º, 24.º, 25.º, Júlio Policarpo Viegas Fernandes; 8.º, Aldomiro Gonçalves; 9.º, Júlio Rufino; 11.º, 15.º e 28.º, Jorge Palmeira; 12.º, 25.º e 26.º, Humberto Reis; 14.º, José Maria Bento; 22.º, Rolando Matos; 30.º, 31.º e 35.º, António dos Santos Bento; 32.º e 37.º, António José de Barros; 34.º, Renato Bento; 35.º, Avelino Lourenço e 36.º, José Bacalhau.

Após a segunda largada a classificação é a que se segue:

- 1.º José Fernando Cansado, 228 pontos; 2.º Jorge Palmeira, 195; 3.º Júlio Policarpo Fernandes, 190; 4.º Eduardo Silva, 177; 5.º João Alberto de Jesus, 156; 6.º António José de Barros, 152; 7.º António Bento Pereira, 115; 8.º Rolando Matos, 94; 9.º José das Neves, 86; 10.º Delmar Quinta, 66; 11.º José António Tomás, 60.

TOTOBOLA

28.ª jornada 2/3/967

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

- | | | |
|----|--------------------------|---------|
| 1 | CUF — Sanjoanense | . . . 1 |
| 2 | Porto — Benfica | . . . x |
| 3 | Braga — Setúbal | . . . 1 |
| 4 | Atlético — Beira Mar | . . . 1 |
| 5 | Sporting — Guimarães | . . . 1 |
| 6 | Varzim — Leixões | . . . 1 |
| 7 | T. Novas — Peniche | . . . 1 |
| 8 | Oliveirense — Salgueiros | . . . 1 |
| 9 | Seixal — Sintrense | . . . 1 |
| 10 | Oriental — Barreirense | . . . 2 |
| 11 | Lusitano — Olhanense | . . . 1 |
| 12 | Leões — Alhandra | . . . 1 |
| 13 | Luso — Almada | . . . 1 |

V. P.

gadas em nome de certos princípios, tempos depois desmentidos por declaração das altas esferas eclesiásticas...

Seria para desejar menos precipitação nalguns ministros de uma entidade, que nos habituáramos a admirar pela calma condizente com a eternidade em cujo nome nos fala. A agitação demasiada lembra sempre um energuménico que nada se pode impor ao século do «yé-yé»!

Também faço votos para que à igreja de Martim Longo não suceda o mesmo que à Misericórdia de Tavira, que, inexplicavelmente, continua votada a esquecimento inclassificável, apesar da sua classe e da sua classificação...

Alvaro Pais

26
DE
MARÇO

POVO
ALGARVIO
SEMANÁRIO REGIONALISTA

Pequenos Apontamentos

EMIGRAÇÃO

É pavoroso o que se passa nos re-folhos da emigração clandestina. Vamos também contar um caso do nosso conhecimento.

Fstivemos há dois anos em França e lá conhecemos um rapaz da região de Aveiro que tinha passado para lá com passaporte de coelho, como eles chamam à clandestinidade. Tem o rapaz saudades da sua terra e da sua gente, quer visitá-las, mas como emigrou sem cumprir os preceitos militares receia agora ter de prestar contas com a nota de refractário.

Pois houve logo um amigo das bandas de cá que se ofereceu para tirar aquela nota. E o pobre moço vá de lhe mandar para o efeito todas as economias que lá consegue arrecadar.

Os mais criminosos são os que estão na cadeia?

VÍCIOS

Dos vícios que o homem adquire e mantém pela vida fora, decerto, não diremos o mais vulgar porque há o tabaco, mas o mais pernicioso, é o abuso do álcool. Temos é certo de sustentar um milhão de portugueses que se dedicam à vinicultura, mas talvez isso se pudesse fazer sem se chegar aos extremos da embriaguez permanente com as suas nefastas consequências. É que em se pegando no vício é difícil despegar dele.

Conhecemos um indivíduo abastado de haveres na região onde vivia, que se entregava às libações do álcool. Já tinha perdido por isso uma vista e a outra estava ameaçada de se perder também.

Resolveu, por isso, consultar um médico em Vila Real de Santo António. O facultativo observou-o e conheceu logo a causa do mal. Receitou e disse-lhe: O senhor não beba. Olhe que fica cego. Amedrontou-se o homem e a si mesmo fez a promessa de se emendar. Saiu e dirigiu-se para o barco que fazia o correio com Alcoutim e então único meio de comunicação com aquela vila. Quis o diabo que já lá se encontrasse um conhecido que ao vê-lo e sabendo das suas baldas lhe disse: O sr. António, leve aqui um garrafão com um vinhinho que é de bradar aos céus. Vá lá um gole. — Lembrado do que lhe dissera o médico e firme no seu propósito de emenda, recusou. Mas o outro tanto o tentou, tanto insistiu, que ele exclamou: Venha de lá isso.

Faço de conta que vou ao médico amanhã.

E até ir para a cova foi uma borra-cheira pegada.

REPUGNANTE

Criticar a televisão afirmando que todo o seu programa é mau não é honesto, porque também tem coisas boas. Mas há poucas noites estando a assistir a ser desenrolar houve uma parte que nos chocou e nos permitimos classificar de repugnante. Foi uma caçada às lebres em qualquer herdade e para regalo de uns tantos que para isso criam os seus galgos e os medrosos animais que vão ser imolados para gáudio dos seus instintos. Já isto não devia ser permitido como também o tiro aos pombos, o sacrifício dos touros, etc.

Mas trazer-se o nefando espectáculo para a apreciação de muitos milhares de espectadores entre os quais muitas crianças é simplesmente — não retiramos o adjectivo — repugnante.

TRANSITO

Iamos chegando ao cruzamento das ruas quando o menino nos gritou: Olhe, avó, este camião com a luz encarnada aberta e a passar. Reparámos e vimos um camião pesado e a toda a velocidade seguir sem prestar atenção ao sinal de impedimento. Foi uma sorte não vir naquele momento da outra rua qualquer outro carro fiado no sinal de livre trânsito.

O que teria acontecido? Depois disso temos prestado atenção e reparado que aquele não foi caso único. Pela nossa rua o movimento faz-se, ou está marcado para se fazer, num só sentido. Pois ainda agora um automóvel caminhava a toda a pressa no sentido proibido. Num largo não muito longe da nossa casa faz-se o movimento ascendente e descendente por duas vias, cada qual para o seu. Uma noite iamos por ali passando quando uma das nossas netas nos bradou: — Olhe, avó! Enquanto prestávamos atenção para atravessar a rua no sentido em que deviam vir os carros, um outro rolava vertiginosamente no sentido contrário e não permitido. Admiram-se que aconteçam casos como os de lhabvo em que três irmãosinhos foram enrodilhados e mortos pelas rodas de um automóvel? Pois nós não nos admiramos. Lamentamos os que são ceifados e que não haja uma lei que puna convenientemente os criminosos.

A. P.



Cinema Desmontável — Empresa José Martins — Espectáculos da Semana.

Hoje — matiné às 19 horas, o filme português, *Ribatejo*, com Virgílio Teixeira e Eunice Muñoz. À noite, o filme da tarde e *Uma hora de amor*, com António Calvário e Madalena Iglésias, 12 anos.

Terça-feira — *O Homem do Rio*, com Jean-Paul Belmondo e *Dentista à força*, 12 anos.

Quinta-feira — *Sodoma e Gomorra*, com Stewart Granger, Stanley Baker e Rossana Podesta e *Posição de Confiança*, 17 anos.

Sábado — *Ruivas, loiras e morenas*, com Elvis Presley, 12 anos.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente durante a presente semana a Farmácia Montepio.

CASA DOS FRANGOS

No passado dia 22 do corrente, foi inaugurado em Tavira, na Rua Jacques Pessoa, no lado oriental da cidade, frente ao rio, um moderno restaurante, intitulado «Casa dos Frangos», que tem anexo café e bilhares.

Toda a sua ampla e clara esplanada é coberta por um excelente toldo de alumínio que lhe dá um aspecto agradável.

A interessante sala de jantar é sóbria e atraente, com um moderno balcão e as paredes ornamentadas com interessantes desenhos, motivos da pesca do atum, da autoria do nosso conterrâneo sr. José César Mello Horta, que bem merece as nossas felicitações.

Interiormente, há gabinetes para famílias ou pessoas que desejem estar mais à vontade.

As vastas e higiénicas cozinha e copa, completam aquele conjunto que será de futuro um estabelecimento recomendável a quantos nos visitam.

É mais uma iniciativa tavirense digna de ser acarinhada pelo público porque virá contribuir para o progresso turístico local.

Felicitemos o seu proprietário sr. Vitorino Castanho Soares, com votos de prosperidades para o seu modelar estabelecimento.

Actividades desportivas

da Casa do Povo de Luz de Tavira

II Torneio de Abertura de Ténis de Mesa no Algarve

Mais um êxito a juntar a outros que a Casa do Povo da Luz de Tavira tem obtido ultimamente, quer em realizações quer em competições dos seus atletas.

No passado domingo, com a participação de 26 praticantes da modalidade, representando os Escuteiros de Faro, Mocidade Portuguesa de Olhão, Casa do Povo de Luz de Tavira, Académicos de Tavira e Hotel Vasco da Gama, de Monte Gordo, disputou-se com grande entusiasmo, no salão de festas da Casa do Povo da Luz, o 2.º Torneio de Abertura de Ténis de Mesa do Algarve.

A Federação Portuguesa ofereceu uma taça para a 1.ª equipa e a Casa do Povo medalhas para os cinco primeiros classificados.

Eis a classificação:
1.º José Pinheiro, 2.º Casimiro Mendonça, 3.º José Queiroz, 4.º Otílio Dourado e 5.º Luís Amaral, todos da Casa do Povo da Luz de Tavira.

Por equipas:
1.ª Casa do Povo de Luz de Tavira, 2.ª Escuteiros de Faro e 3.ª Hotel Vasco da Gama.

Educação Física

Sob a orientação do professor sr. Américo Solipa, apresentaram-se publicamente, no passado dia 14, as classes de ginástica da Casa do Povo da Luz de Tavira.

Assistiu além de muito público, o Sub-Inspector de Desportos da F. N. A. T., sr. professor Fortes Rodrigues.

Campo Gimno Desportivo

Por especial atenção para com a Casa do Povo da Luz, o sr. Tomás Pires vendeu à F. N. A. T. o terreno necessário para a construção de um Campo Gimno Desportivo na Luz de Tavira. O projecto já está em elaboração.